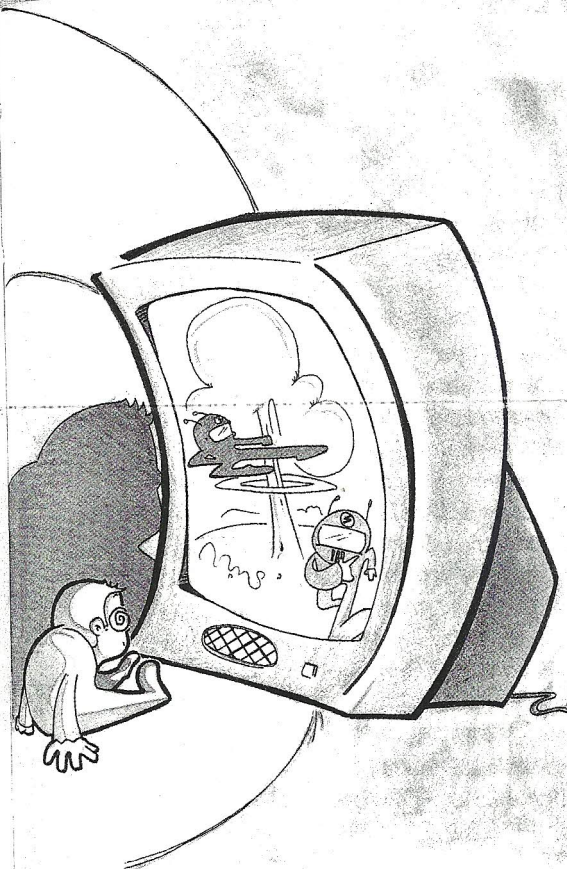


suntiv o estalo de Vieira - omtil ducl roqf  
chorro [o] chorra [a]  
chor [o] > [o]

o/o.e/e

õm ãn ãn ãn ãn

fissirosho... a rdoxof



# VIOLÊNCIA INFANTIL

A culpa não é só da  
televisão

Célia Rosa

Serão os nossos filhos mais agressivos e violentos do que nós fomos quando éramos pequeninos? A resposta parece que é sim, mas as causas desta mudança não são de todo

consensuais. De qualquer forma, está provado que a televisão tem a sua quota-parte de responsabilidade nos comportamentos mais violentos das crianças. A par da televisão, os especialistas da infância relembram que os pais delegam, cada vez mais, em terceiros, o acompanhamento e educação dos seus filhos. E o tempo que lhes sobra preenchem-no com a televisão. A Notícias Magazine sentou-se à frente do ecrã e conta-lhe o que viu e ouviu. Dos contos-de-fadas às figuras de acção, saiba o que mudou nas personagens e nas narrativas e conheça os heróis dos seus filhos. São todos super-qualquer coisa, não é?

Aos sábados e domingos de manhã o despertador não nos chateia, não precisamos de arrastar miúdos ensonados para fora da cama, não os vestimos à pressa, não temos pequenos-almoços para preparar e ajudar a tomar a tempo de entrarem pontualmente na escola, não precisamos de correr para o emprego. No fim-de-semana, podemos preguiçar, libertarmo-nos das rotinas e fazer apenas o que nos apetece no momento em que o desejamos. Ou então pensamos que podemos. Até ao dia em que acordamos sobressaltados com umas vozes agitadas ou entusiasmadas, às vezes acompanhadas por uns choros estridentes, que nos parecem vir da sala. Mas o que é que se passa? Pois é, as crianças já se levantaram - sabe-se lá há quanto tempo! - e, pé-ante-pé, dirigiram-se para o sofá mesmo em frente da televisão. E, a dada altura, decidiram encarnar uma qualquer personagem, saltam nos sofás, atiram-se para o chão, lutam uns com os outros, todos querem ser os "bons" e acabam ao estalo, entre brigas e choros.

Os pais que tiveram um despertar mais tardio podem crer que, por exemplo, até às 10h30 ou 11h00, as crianças já tiveram oportunidade de ver, entre outras, meia dúzia de séries de acção.

Por exemplo, *Os Moto-Ratos de Marte*, *Sailor Moon*, *Action Man*, *Spider Man* e os *Power Rangers*. Isto, caso tenham optado pela progra-

[todus]  
[todu]  
todus  
7001 zelch



[kuraššiu] - trda  
[koraššiu] - barreni [od coc]

para fi... acreditar  
audiência - publicum  
série - novela

perpetuar - a  
eternizar - a

(fe) - primeiro  
(fe) - via

mação da SIC, o que é provável, a fazer fé nas audiências. Caso tenham escolhido o espaço infantil do Canal I da RTP, as crianças tiveram um pouco mais de fantasia e uma menor dose de acção. Neste caso, é possível que se tenham entretido com *Bob e Bobette*, *O Coelho Verde*, *As Aventuras da Pequena Sereia*, *Os Mais Belos Contos da Europa* ou com *Reboot*, entre outras séries de animação.

Num caso ou noutro, é possível que nos intervalos tenham ficado com os olhos esbugalhados e o coração apertado quando lhes passaram pela frente as imagens de um trailer do filme de terror - que pode ser de acção ou suspense, de terror ou erótico - que passava naquela noite. Isto, para já não falar da imensa e atractiva publicidade a bonecos, bonecas, figuras e figurinhas, casetes-vídeo e afins, cujos spots terminam sempre com um apelativo "compre já".

### O que sabem os pais?

E daí, pergunta você? Por acaso, conhece a programação infantil que os seus filhos tanto apreciam e que os impede de dormir até um pouco mais tarde, aos sábados e domingos de manhã? E dos desenhos animados da tarde, o que é que sabe? É provável que já tenha pedido ao seu filho para fazer os deveres antes de se sentar em frente ao televisor, durante a semana mas, por acaso, já teve o cuidado de ver os desenhos animados com ele? Sabe o que é que faz o *Power Ranger* vermelho que o seu filho tanto idolatra? Ou ainda, conhece os "maus" contra os quais lutam os *Power Rangers*? E, por acaso, sabe qual é o enredo de *Sailor Moon* ou da *Navegante da Lua* como os seus filhos provavelmente lhe chamam? E o que é que acha dos *Dragon Ball*? E do *Reboot*? Nunca teve interesse em conhecer John Smith ou outra personagem animada, ou de acção, que o seu filho goste de encarnar? E o é que acha do vídeo de *Branca de Neve e os Sete Anões* ou do *Anãozinho Mágico*? Acha que as histórias infantis são todas parecidas? E os enredos? E as atitudes e comportamentos das personagens? E a moral das histórias? Tantas perguntas. Tantas respostas possíveis. De qualquer maneira, os especialistas da infância aconselham-nos a conhecer

os heróis dos nossos filhos, por mais pequenos que eles ainda sejam.

Hoje em dia, os heróis das crianças já não são os príncipes, no caso dos rapazes, ou as princesas, no caso das raparigas, dos contos tradicionais que se perpetuaram, oralmente, de geração em geração. Para os rapazes, os heróis da actualidade são, quase sempre, personagens de acção que ganharam vida através das séries infantis emitidas na televisão, que se batem e se matam sem que percebamos porquê, que têm poderes superiores, e que se encontram à venda nas prateleiras dos hipermercados e das lojas de brinquedos. No caso das meninas, é curioso verificar que os seus brinquedos preferidos variam mais e correspondem a determinados ciclos comerciais - das *Barbies* aos *Nenucos*, passando pelas recentes *Polipocket's*, por exemplo.

Saber até que ponto a televisão influencia ou modela os comportamentos das crianças e as torna mais agressivas, ou mesmo violentas, é um assunto complexo e polémico, mas apaixonante. E de acordo com vários trabalhos, que têm vindo a ser efectuados nas mais diversas partes do mundo, parece haver uma tese consensual: a televisão tem a sua quota-parte de responsabilidade nos comportamentos agressivos e violentos das crianças. O pequeno ser não é, com certeza, factor único para explicar os actos de violência infantil, nem os comportamentos agressivos que ultrapassam os chamados padrões de normalidade (por mais latos que estes possam ser). Mas, como diz o pedopsiquiatra Pedro Strecht, "a televisão veicula demasiados padrões violentos de comunicação e a programação infantil não é concebida de acordo com os verdadeiros interesses das crianças, mas sim de acordo com estratégias de marketing, de vendas e de audiências a que as crianças deveriam ser alheias."

Para este médico, em virtude da mudança nas estruturas familiares, "as crianças passam muito tempo sozinhas com a televisão, vêm indiscriminadamente a programação e não têm ninguém que lhes faça filtro, que lhes explique o que está a acontecer, que converse com elas ou responda às perguntas sobre o desenrolar da história. A televisão é manifestamente má, mas os pais também sacodem a água do capote quando

videntemente  
não assumem responsabilidade

deposito  
oferece  
No mes  
reira, n  
"A cria  
mesmo  
nhece  
criança  
para q  
sica e  
-fadas  
pel de

A as:  
De ac  
tro N  
Scier  
milan  
pela  
da id  
cujo  
adoç  
cria  
ou í  
cier  
e si  
nad  
tos  
cri:  
act  
e p  
ve  
er  
ça  
m  
q  
s  
p  
c  
g  
c



depositaram os filhos em frente do ecrã e não lhes ofereceram outras alternativas".  
 No mesmo sentido aponta Maria João Pinho Pereira, na sua tese *Ver e ouvir os contos-de-fadas*: "A criança sente-se sozinha na sua própria casa, mesmo que esteja rodeada de pessoas que ela conhece bem. A presença de um adulto quando a criança está a ver um programa é indispensável para que lhe possa ser transmitida segurança física e psicológica, como acontece nos contos-de-fadas. A televisão não pode ser atribuído o papel de *baby-sitter*".  
*acorda*

**A assimilação da violência**

De acordo com um estudo elaborado pelo Centro Nacional da Infância, e publicado na revista *Science & Vie*, são quatro os processos de assimilação e de integração da violência veiculada pela televisão. O primeiro é a imitação e resulta da identificação da criança com uma personagem cujo comportamento copia ou cujas opiniões adota. Depois, temos a imitação, ou seja, a criança não escolhe racionalmente o seu modelo ou ídolo, antes o assimila de uma forma inconsciente. Outro processo é a chamada desinibição e significa que, perante a habitualização a determinadas imagens, ela resolve reproduzi-las em actos violentos, deixam de se emocionam com eles e passam a considerá-los normais.

Pedro Strecht relembra que os efeitos negativos da televisão não se reflectem do mesmo modo em todas as crianças e, para se criar esta diferença, é muito importante o papel dos pais: "Alguns indivíduos assimilam as imagens sem que tenham quaisquer padrões de referência porque os pais se demitiram de lhes dar o seu apoio. É o que se passa com muitos filhos de pais separados, ou com os filhos de pais super-ocupados que delegam em terceiros o acompanhamento das crianças (hoje, estes terceiros já não são os avós, são quase sempre os infantários ou as empregadas). Estas crianças passam muito tempo sozinhas, crescem com muito pouca afectividade, com os tempos livres completamente preenchidos por actividades variadas. O tempo que lhes sobra é passado em frente do televisor e não aprendem a

"brincar". O médico faz questão de enfatizar que o acompanhamento dos adultos, no processo de crescimento dos filhos é fundamental para medir a agressividade natural das crianças. Só assim é possível aprender a conter, a elaborar e a transformar essa agressividade". Uma ideia que é cada vez mais importante pois, além da violência natural e espontânea que já existe em cada um de nós e na sociedade, agora ainda temos de nos confrontar com a comunicação violenta divulgada pelos média.

A presença ou ausência dos pais condiciona a forma como é aprendida ou interiorizada a violência das séries televisivas e explica, em parte, porque é que esta se reflecte mais numas crianças do que noutras: "Numa época em que os modelos familiares se alteraram e em que as crianças são deixadas a ver televisão sozinhas, sem filtro dos pais, os comportamentos mudaram. Os heróis dos contos tradicionais, que preencheram o imaginário de muitas gerações, foram trocados por super-heróis cheios de poder mas completos vazios por dentro. Outro dia, uma criança diz-me que gostava muito de uma determinada série e quando lhe perguntei porque, ele disse-me: 'é que os bons têm um poder espectacular, esmigalham crânios'. Então e os maus? perguntei-lhe. A resposta não tardou: 'o mau chama-se Apocalipse e engole-os todos,'"

**Do conto tradicional às séries de acção**

No conto tradicional "narram-se situações que nos são apresentadas como se se tratassem das mais comuns, ou seja, que poderiam ter acontecido a qualquer um de nós. Os sentimentos expressos são tão vulgares como o crime, a inveja, a teimosia. São histórias optimistas, sempre com um final feliz, projectando uma felicidade vulgar que se atinge com a sabedoria", como refere Maria João Pereira na tese referida.  
 Por outro lado, quem conta o conto ou lê a história é, geralmente, um adulto muito próximo da criança e esta presença "dá-lhe uma certa estabilidade, o que já não acontece quando vêem televisão", refere Pedro Strecht. E Maria João Pereira acrescenta: "De acordo com a psicanálise, a criança identifica-se com o herói (do conto), não

*apresenta (17)*  
*apresenta (17)*

*deu um*

*[Forma] -*  
*[Forma] -*  
*[Forma] -*

*erça*

do  
 os  
 us-  
 ou  
 e o  
 em  
 em  
 to  
 nas  
 as  
 de  
 ri-  
 da  
 ni-  
 ei-  
 z o  
 ais  
 am  
 em  
 co  
 is,  
 m-  
 em  
 jo,  
 ser  
 de  
 in-  
 na  
 to-  
 es  
 tes  
 em  
 in-  
 iso  
 los  
 e,  
 er-  
 na  
 ra-  
 fo,  
 ue  
 as,  
 os  
 os



porque ele é belo e bom, mas sim porque se identifica com as suas dificuldades.

A vitória do herói, no final, promove a moralidade porque a criança se identifica com ele. Ao haver esta identificação, ela vai poder resolver o seu conflito em simultâneo com o herói. Ou seja, é o destino do herói que vai dar confiança à criança. Os heróis da actualidade, mesmo aqueles a que as crianças chamam "os bons" e que são bons porque "esmigalham" os maus, são-lhes impostos por técnicas agressivas de marketing e vendas.

É verdade que nem a vida das crianças, nem as nossas, são sempre calmas e pacíficas ou preenchidas só por coisas boas. Na imaginação das crianças também habitam pesadelos, medos, angústias e agressividade. Mas estes sentimentos precisam de ser "trabalhados". "É através dessa função reparadora que a criança aprende, desde cedo, a viver em sociedade", relembra Pedro Strecht.

Saber onde termina a ficção ou fantasia e começa a realidade é algo nem sempre claro para algumas crianças. O papel dos adultos, do pai e da mãe, também a este nível é fundamental. O psiquiatra relembra a morte da criança norueguesa, de cinco anos, assassinada em Novembro de 1994 por dois outros meninos de seis anos, que se referiram posteriormente às *Tartarugas Ninja* e esclarece: "Julgo que os meninos noruegueses confundiram fantasia com realidade e isto é cada vez mais comum. Repare-se que antigamente as crianças brincavam aos índios e cowboys, aos polícias e ladrões, aos médicos, às donas-de-casa. Hoje, os meninos dizem 'eu sou o Super Man', ou 'sou o homem-aranha' e por aí fora". Para o médico, a capacidade de representação e a elaboração do simbólico está a alterar-se e a televisão, aliada ao modo de vida urbano, tem a sua quota-parte de responsabilidade.

Revista Notícias Magazine

medu x medu  
[meda] x [m'edu]  
shau x medote - Haunoz  
[coneg] [conigo]